

As cruzadas

A era dos altos ideais foi marcada por aspirações grandiosas da igreja. Já pudemos ver a reforma monástica e a reforma papal (extinção da simonia e celibato para os clérigos) e agora podemos olhar mais de perto a história profundamente polêmica e dramática das cruzadas.¹ Desde o século IV era comum a ida de peregrinos da Europa para Jerusalém, pois as estradas do império romano cruzavam o mundo antigo e com a ascensão do cristianismo nos tempos de Constantino peregrinar para Jerusalém e conhecer o lugar do nascimento do Salvador, o rio Jordão, os túmulos dos mártires e outros lugares era comum para os cristãos europeus. Na era das trevas (séc. V a X) as peregrinações vieram a se tornar uma forma de penitência: uma forma de obter o perdão de pecados graves.

Contudo, os muçulmanos tomaram grande parte do Oriente Médio, incluindo Jerusalém no séc. VII. A princípio os califas abássidas foram benevolentes e o fluxo de peregrinos continuou, mas no séc. XI o califado dos seljúcidas, mais radicais e intolerantes, tomou o controle da região, que se tornou palco de disputas de facções muçulmanas. Tudo isso tornou o cenário perigoso para os peregrinos e muitos não retornavam. Peregrinar para Jerusalém logo se tornou uma penitência a ser paga com a própria vida e os que morriam na peregrinação eram vistos como novos mártires.

Em meio a tudo isso começou a se popularizar bandos de peregrinos armados que visavam se defender dos perigos. Logo esses bandos cresceram e se popularizou a teologia da guerra santa: era permitido fazer guerra por motivos justos com a bênção de Deus. Por outro lado, os nobres que eram cavaleiros e guerreiros sempre estavam arrumando pretextos para combates, enfrentamentos e guerras. O poder papal procurava conter seus impulsos, mas sempre com resultados tímidos. Esses elementos foram se unindo até que por volta de 1090 Constantinopla estava pressionada pelos turcos e pediu ajuda a Roma. O papa Urbano II então reuniu um concílio em Clermont e expôs a opressão sobre os cristãos orientais, bem como os sacrilégios aos lugares santos e os perigos que os inimigos causavam aos peregrinos. Antes do final do discurso, a multidão já estava decidida a empreender a Primeira Cruzada.

Por um lado, Urbano II esperava que a cruzada fosse um movimento militar-religioso encabeçado pelos nobres mas a ideia de ir para Jerusalém vencer os inimigos da igreja, socorrer Constantinopla, unir as igrejas ocidental e oriental que haviam se separado e nisso tudo ganhar a salvação inundou as mentes do povo comum como uma epidemia. Levantaram-se pregadores populares que inflamavam os ânimos de camponeses e miseráveis, dentre eles o mais conhecido foi Pedro, o Ermitão, que passou arrebanhando pessoas pela França e seguiu para a Alemanha com uma massa de seguidores. Como essa massa seguia sem provisões, logo se pôs a roubar no caminho de sua peregrinação e assim cristãos búlgaros e húngaros tiveram que se defender com violência a medida que os peregrinos liderados por Pedro passavam. Além desses problemas, grande parte desse espírito das cruzadas se dedicou a matar judeus por onde passava.

Nesse espaço de tempo, os nobres preparavam uma expedição elaborada, com o bispo de Puy – Ademar de Monteil – tendo sido nomeado chefe da primeira cruzada pelo papa. Ainda assim, a expedição dos nobres não foi completamente organizada pois Godofredo de Bulhão avançou para Constantinopla liderando franceses e alemães. Liderando os franceses do sul foi Raimundo de Saint-Gilles. Normando dos sul da Itália seguiam Boemundo e Tancredo e cada comitiva seguiu um caminho, chegando a Constantinopla onde foram recebidos por Aleixo. Ali os nobres se uniram aos sobreviventes da massa de camponeses que empreendeu um primeiro movimento popular, visto que a maioria havia sido massacrada pelos turcos.

A primeira cruzada então dirigiu-se a Niceia que estava sob comando seljúcida. Niceia foi retomada para o controle de Aleixo e os cruzados seguiram para Antioquia e os exércitos de cristãos se confrontaram com os turcos na planície de Dorileia, na qual obtiveram vitória esmagadora e muitos despojos. Seguindo no caminho para Antioquia, os cruzados descansaram em Icônio e seguiram depois na direção de Antioquia. O chefe turco de Antioquia fez grandes provisões para o cerco e a cidade contava com uma enorme muralha com cerca de 400 torres. A medida que o cerco se prolongava as provisões entre os cruzados diminuía e assim em 1097 a fome avançava no acampamento. O empreendimento estava aparentemente perdido quando repentinamente um armênio que morava na cidade abriu uma das portas aos cruzados, que mataram todos os turcos com a ajuda dos cristãos que moravam na cidade. Antioquia caiu sob domínio dos cruzados, que agora avançavam para seu destino final.

Foi apenas no dia 7 de junho de 1099 que as tropas avistaram as muralhas de Jerusalém. Jerusalém não estava sob domínio dos turcos, mas sim dos árabes, que fizeram grandes provisões, expulsaram todos os cristãos da cidade, envenenaram os poços de água fora das muralhas e destruíram tudo que pudesse ser usado pelos cruzados, de plantações a árvores que pudessem prover madeira para o cerco. Em todas essas dificuldades, havia a notícia de que um exército árabe estava a caminho e que havia o risco real dos cruzados ficarem entre a muralha e os combatentes. Então, alguém teve uma visão de que o falecido Ademar de Puy ordenava aos cruzados fazer penitência, marchar descalços ao redor da cidade em jejum e só depois atacar.

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.362-442

Sob zombaria dos árabes, os soldados obedeceram a visão. Após cumpridos os rituais de penitência, os cruzados ergueram torres contra a muralha que era bem defendida, mas no meio do escuro da madrugada desmontaram as torres em silêncio e as montaram nas partes mais fracas da muralha. A estratégia deu certo, pois no dia 15 de julho de 1099 o cavaleiro Leotoldo conseguiu se apossar de um trecho da muralha, pela qual os cruzados desfizeram a resistência. A tomada foi marcada pelo assassinato impiedoso de todos os habitantes árabes da cidade. Os judeus se recolheram a sinagoga para pedir clemência e foram todos queimados vivos junto com o prédio. A primeira cruzada mostrava seu rosto mais tenebroso.

Os historiadores variam na contagem das cruzadas. Justo Gonzalez cita que embora muitos historiadores recorram a sete cruzadas oficiais, houveram muitos grupos encabeçando cruzadas não oficiais saindo da Europa em direção a Jerusalém nesse período, inclusive cruzadas de crianças: se a inocência era o meio de obter o favor divino, então o envio de crianças puras para Jerusalém deveria merecer o favor divino, que faria com que os inimigos caíssem derrotados por uma intervenção milagrosa dos céus. No caminho, essas crianças eram mortas e escravizadas pelos senhores dos territórios pelos quais passavam.

As cruzadas deram origem as ordens militares – Cavaleiros de Malta e Templários – e acabaram separando ainda mais a igreja oriental da ocidental, pois os cristãos orientais passaram a ver o lado mais negro do cristianismo ocidental. Além disso, as cruzadas fomentaram uma maior intolerância dos muçulmanos para com os cristãos, fortalecendo a hostilidade mútua.

As ordens mendicantes e a escolástica

Além das reformas monásticas, da reforma papal e das cruzadas, esse período foi marcado também por dois movimentos muito característicos: as ordens mendicantes e o crescimento da teologia chamado “escolástica”. No séc. XII o ambiente da Europa começava a mudar, pois com as cruzadas o comércio entre o oriente e o ocidente que havia praticamente cessado nos séculos anteriores com as invasões dos bárbaros começava a reaquecer. Durante todo esse período a fonte de riqueza era a terra que pertencia aos nobres (senhores feudais) e a economia era basicamente de troca, considerando que os camponeses trabalhavam para pagar seu acesso a terra do nobre.

Contudo, com o aquecimento das rotas de comércio começava a surgir novamente o uso de moedas e começava a proliferar os centros de comércio – burgos – e a própria figura do comerciante – mais tarde chamados burgueses. Como o sistema feudal não oferecia mobilidade social alguma, muitos camponeses foram se dedicar ao comércio buscando melhores condições de vida e então o debate sobre pobreza/riqueza tornou-se central nos séc. XII e XIII. O precursor dos movimentos de pobreza foi Pedro Valdo (1140-1220), que era um comerciante de Lyon mas após ler o Novo Testamento abandonou tudo e dedicou-se a pobreza e a pregação. Tendo sido condenado pelo bispo de Lyon e depois por um concílio em Verona, seus seguidores foram perseguidos e se exilaram nos lugares mais ermos dos Alpes, mais tarde se tornando protestantes, aderindo a Reforma do séc. XVI.

Com certeza o mais conhecido fundador de uma ordem de pobreza é Francisco de Assis (1182-1226), cujo verdadeiro nome era Giovanni, jovem proveniente de uma família de comerciantes bem sucedida que foi estudar na França enviado pelos pais. Seu nome “Francisco” deve-se ao apelido “pequeno francês”. A vida de Francisco teve uma reviravolta quando com cerca de vinte anos retornou de uma expedição militar no sul da Itália, época na qual começou a dedicar-se a solitude e ao silêncio. Logo Francisco abraçou práticas da vida monástica, abraçou um voto espontâneo de pobreza abrindo mão de sua herança e mais tarde foi autorizado pelo papa Inocêncio III a fundar uma nova ordem. Francisco de Assis deixou claro para seus seguidores que seu ideal de pobreza mesclado ao ardor missionário deveriam orientar a ordem, registrando sem seu testamento que proibia a posse de qualquer bem material aos seus seguidores. Seis anos antes de morrer, Francisco abriu mão da direção do próprio movimento dando provas finais de humildade.

Outra ordem importantíssima foi fundada por Domingos (1170-1221) era filho de uma família abastada e profundamente cristã da região de Caleruega. Após anos de estudo em Palência, Domingos uniu-se a ordem dos monges agostinianos. Em uma viagem pela região da França, Domingos compreendeu que a falta de disciplina do clero dava margem para que movimentos heréticos questionassem a validade da igreja e por isso decidiu combater tais movimentos heréticos unindo o estudo sério com uma disciplina rigorosa. O movimento proposto por Domingos cresceu e talvez inspirado pelos franciscanos abraçou também o ideal da pobreza, de maneira que os monges dominicanos fosse sustentados apenas por esmolas, iniciando o costume das “ordens mendicantes”.

Nesse mesmo período, começavam a surgir as primeiras universidades da Europa, especialmente em Paris, Salerno e Oxford, de maneira que no séc. XIII haveria um crescimento notável dos centros de estudo e das universidades. Nesse cenário, a atividade teológica que antes estava centrada nos mosteiros deslocou-se gradualmente para as universidades nascentes e por isso a teologia desse período é chamada de “escolástica”: a teologia produzida no contexto da escola. Esse período desfrutou de grandes teólogos como Anselmo de Cantuária, Pedro Abelardo, Pedro Lombardo, Boaventura e o mais conhecido de seu tempo: Tomás de Aquino. Alguns dirão que a relevância de Tomás de Aquino neste período é tão grande quanto a relevância de Agostinho para seu tempo, pois Agostinho relacionou o pensamento de Platão a fé cristã e Tomás de Aquino relacionou o pensamento de Aristóteles ao cristianismo. Aristóteles, que havia sido esquecido durante boa parte da Idade Média, ressurgiu com força na Europa nesse período por meio da influência muçulmana, em especial pela obra do filósofo Averrois em Córdoba, Espanha. Em tudo isso, um novo tempo se anunciava.